



MEMÓRIA E HISTÓRIA NO FINAL DO SÉCULO XIX: ANÁLISE DAS OBRAS “SE NÃO ME FALHA A MEMÓRIA” E “MINHA VIDA DE MENINA”¹

Luciana Pinheiro Fonseca Brandão, Jeaneth Xavier de Araújo Dias

Introdução

Memória, literatura e história se cruzam a partir do momento que um espaço é aberto a essa possibilidade. A literatura é o objeto, a memória é o vestígio e a história, a interpretação e significação de ambas pelo homem. Mas entender como essa união se concretiza não é tarefa fácil, pois a subjetividade permeia o caminho de todas. O que seria da memória sem a literatura ou outro meio de perpetuá-la na posterioridade, transformando-a em história?

Maluf [1] em seu texto *Ruídos da memória* expressou o motivo pelo qual a memória se transforma em fonte histórica, segundo ela quando o “(...) o indivíduo está impregnado de elementos que ultrapassam os limites de seu próprio corpo e que dizem respeito aos conteúdos comuns dos grupos aos quais pertence ou pertenceu”. Maluf está se referindo a percepção que o homem pode aferir do seu entorno, mas não se trata de apenas ver ou ouvir, mas sim de apreender, de captar os detalhes, os signos e os significados e guardar essa informação como algo importante, pois só assim, a memória poderá servir de arquivo e se este arquivo puder ser consultado a qualquer momento pelo seu detentor. E é essa especificidade que caracteriza a autobiografia *Se não me falha a memória* (1993) do autor Joaquim de Salles [2] e o diário íntimo *Minha vida de menina* (2000) da autora Helena Morley [3] como obras memorialísticas, pois ambas tratam de relatos que vieram da memória de seus autores. E mesmo se tratando de gêneros distintos, essas obras trazem semelhanças como o local e a época de que falam, ou seja, as cidades de Serro e Diamantina, respectivamente, no final do século XIX. Desse modo, esse trabalho objetivou analisar nessas obras a riqueza de detalhes das cidades, os costumes, os modos de agir, as crenças, enfim a cultura em si, que foram representadas como memórias por esses autores.

Material e métodos

Do ponto de vista metodológico usado nessa pesquisa, fizemos uso das teorias ligadas à cultura, e o conceito de cultura de Geertz [4] é o que melhor se adequa a este trabalho, pois ao defender que a cultura é como “teias de significações” em que o homem está amarrado e sua análise interpretativa consiste na busca de significado, o autor denota o valor da interpretação das diversas formas e modos de cultura em oposição a um modelo cultural unificado e apesar das confusões que existem acerca do conceito de cultura ser uma conduta padronizada ou um estado da mente ou as duas coisas, o importante é entender a sua relevância e o que está sendo transmitido. Desse modo, para esse trabalho interessa-nos as representações culturais que Salles e Helena acreditavam ser relevantes e as transmitiram para suas obras, ou seja, suas ações, descrições, modos de agir e de pensar, as crenças, os costumes, enfim, as suas memórias. A memória, aqui entendida como algo que está em constante evolução, aberta a lembrança e ao esquecimento, vulnerável a todos os usos e manipulações, conforme define Nora [5]. Assim, sendo a memória dinâmica, falha e ao mesmo tempo proporciona um retorno ao passado, trazendo a tona informações, depoimentos e revelações, que longe de representarem o real, proporcionam um representar do que poderia ser esse real, Salles e Helena representam em sua autobiografia e em seu diário íntimo o que seria esse “real” para eles ao relatar seu cotidiano, detalhando as pessoas, acontecimentos e comportamentos. Salles teve atenção no que iria escrever, pois como se trata de uma autobiografia, que seguindo a definição de Artières [6], é uma prática de arquivamento em que alguns acontecimentos são escolhidos de acordo com o sentido que o autor quer dar e depois são ordenados em forma de narrativa. Diferentemente, Helena em seu diário íntimo não se preocupava em como e nem em o quê escrever, pois nesse modo de arquivar a vida, alguns acontecimentos são relatados, outros são omitidos ou podem ser acrescentados ou corrigidos posteriormente. Para pensar a história como literatura e a literatura como história uma nova abordagem passou a ser utilizada: a “representação” como argumenta Pesavento [7]. A representação tornou-se central para as análises da nova história cultural, já que essa busca como através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, construindo um sistema de idéias e imagens de representação coletiva e se atribuindo uma identidade, argumenta essa autora.

¹ Apoio financeiro: CAPES.



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

Resultados e Discussões

Esse trabalho, que está em sua fase inicial, se dividirá em três capítulos. No primeiro, que já se encontra pronto, intitulado de *Memória e diário: fontes para a história* fazemos uma apresentação dos autores e das obras analisadas: *Se não me falha a memória* de Joaquim de Salles e *Minha vida de menina* de Helena Morley. Em sua obra, Joaquim de Sales evoca sua infância na cidade de Serro, descrevendo em sua autobiografia seu ambiente familiar e sua vida colegial no Seminário do Caraça e Helena Morley relata em seu diário acontecimentos de sua adolescência em Diamantina. Ambas as obras são registros históricos que nos possibilitou ter uma visão mais detalhada das cidades de Serro e Diamantina do fim do século XIX. Assim, esse capítulo traz as principais características, lugares de fala, intenção da escrita e um rápido panorama do que esses autores tratam em suas obras. Posteriormente, fazemos uma análise da memória e o uso dessa pela história, como foi esse encontro e o que isso contribuiu para o estudo historiográfico e memorialístico. Seguindo esse método discursivo, ressaltamos os usos e novas formas de uso da biografia e do diário ao longo da história, como se deu essa mudança e essa transição de cadernos de anotações para memórias históricas. E para entender como a representação é um método de análise importante para a literatura como fonte histórica, no fim deste capítulo fazemos uma discussão acerca da representação para compreensão das falas, discursos dos sujeitos sociais presentes nas obras de Salles e Helena.

Diamantina e Serro: um lugar representado será o título do segundo capítulo. Pretendemos nesse capítulo fazer o levantamento histórico das cidades de Serro e de Diamantina de acordo com as representações de seus autores, ou seja, como eles viam esses lugares, como a população dessas cidades era representada como pertencentes àquele lugar, como era composta essa população, qual era a economia predominante, enfim como a cidade se tornou singular para Salles e Helena. Esse capítulo terá como objetivo, ainda, compreender as semelhanças regionais que trazem as referidas cidades das obras, já que pertencem a um mesmo espaço geográfico- o Alto Jequitinhonha.

Enfim, no terceiro capítulo, que se denominará *Vida e costumes em comum em Diamantina e no Serro*, espera-se fazer um paralelo entre as obras do ponto de vista dos costumes regionais, ou seja, do familiar, religioso, econômico, social, e nesse caso privilegiar as diversas classes sociais que são citadas pelos autores. Fazendo uma discussão entre as obras a fim de compreender de fato o valor histórico das mesmas e para isso dando destaque a cultura específica retratada por esses autores. Nesse ínterim, identificar os diversos personagens relatos por Salles e Helena, assim como os fatos históricos de repercussão nacional como a Proclamação da República, a segunda eleição presidencial da República, a abolição da escravidão e as conseqüências desses fatos naquele espaço e tempo histórico específico.

Considerações finais



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
FEPEG
UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:
Unimontes
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:
FAPEMIG
FADENOR

**24 a 27
setembro**
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

Com a análise dessas obras e o uso do respaldo teórico pertinente para essa, o presente trabalho busca aliar o relato memorialístico e histórico permitidos pela representação que Salles e Helena fazem em suas obras. Tal abordagem representativa torna-se pertinente a partir do momento que se compreende que as relações sociais e culturais de uma região e de um povo são passíveis de interpretações, de possíveis conjecturas, levando-se em conta as singularidades inerentes aquele local, mas também as semelhanças que o engloba no todo.

Referências

- [1] MALUF, M. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 82.
- [2] SALLES, Joaquim de. **Se não me falha a memória**. São Paulo: instituto Moreira Salles: Ed. Giordano, 1993. 562 p.
- [3] MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 271 p.
- [4] GEERTZ, Clifford. 1926- **A interpretação das culturas**. 1. ed.,13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.10-14.
- [5] NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História*. PUC-SP, nº 10, dezembro/1993, p.09.
- [6] ARTIÈRES, 1998, ARTIÈRES, P. **Arquivar a própria vida**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.11, n.2, 1998, p. p.11.
- [7] PESAVENTO, S. J. Contribuição da História e da Literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. Jatahy (orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Unicamp, 1998, p.19.